

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CURITIBA II - FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ

GABRIEL JULIO DE CASTRO

BANDA DA POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ: INSTRUMENTOS DE ESPERANÇA EM
TEMPOS DE COVID-19

CURITIBA

2021

GABRIEL JULIO DE CASTRO

BANDA DA POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ: INSTRUMENTOS DE ESPERANÇA EM
TEMPOS DE COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel, Curso de Bacharelado em Música Popular, Campus de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná, Universidade Estadual do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Erthal

CURITIBA

2021

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Mary Tomoko Inoue-CRB-91020

Castro, Gabriel Julio de
Banda da Polícia Militar do Paraná : instrumentos
de esperança em tempos de COVID -19. / Gabriel
Julio de Castro, 2021.
61f.

Monografia (Bacharelado em Música Popular) –
Universidade Estadual do Paraná.
Orientador : Profº Drº Júlio Erthal

1. Banda da Policia Militar. 2. COVID-19.
3.Policciamento comunitário. I. T. II. Universidade
Estadual do Paraná.

CDD : 780.92

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida família, minha esposa Laiara que tanto me incentiva nos momentos de desânimo e comemora cada vitória, seja ela grande ou pequena, e a minha linda filha Elisa que chegou no meio desse processo e me trouxe um novo fôlego para fazer tudo o que for preciso por ela. Amo muito vocês!

Ao meu orientador, Júlio, que se manteve paciente e de forma bem humorada me guiou de forma brilhante, me dando ideias e mostrando caminhos sem os quais seria impossível a conclusão dessa pesquisa.

Ao comando da Banda de Música da Polícia Militar do Paraná, na pessoa do capitão músico Elizeu da Silva, pelo apoio irrestrito que possibilitou o acesso aos materiais e informações necessários ao desenvolvimento desse trabalho. Sem o mesmo, não haveria como realizar a presente pesquisa.

A todos os policiais músicos que sustentam a sesquicentenária Banda de Música da PMPR, levando música de qualidade e representando a gloriosa Polícia Militar nos rincões mais longínquos do nosso estado, enfrentando dificuldades diversas, em situações muitas vezes distantes do ideal, porém, com bom humor e alegria contagiando todas as pessoas que têm contato com esse serviço maravilhoso.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal compreender parte das dinâmicas de trabalho dos músicos integrantes da Banda de Música da Polícia Militar do Paraná, entre os meses de março e agosto do ano de 2020, que foram os primeiros meses da pandemia de Covid-19, nos quais a o grupo adaptou suas apresentações a fim de continuar levando música aos cidadãos paranaenses. Buscou-se apresentar um breve panorama do impacto que o trabalho realizado pelos músicos militares causou em relação à imagem que a sociedade tem da Polícia Militar do Paraná, bem como os desafios enfrentados pelo grupo, tanto nas apresentações, quanto nos momentos que as antecediam e também após as tocatas e retretas em todo o território paranaense. Outra abordagem importante foi a do trabalho da Banda como ferramenta para a aplicação do policiamento comunitário. Em um primeiro momento, a pesquisa apresenta um breve histórico sobre a Banda de Música da Polícia Militar do Paraná, considerada a formação musical mais antiga de nosso estado. Usando uma abordagem qualitativa, a pesquisa acontece por meio de duas frentes: a primeira via etnografia, a segunda é a execução de entrevistas presenciais á seis voluntários que participaram das apresentações durante o período estudado, com o objetivo de compreender suas visões sobre os temas aqui propostos e entender o impacto desse trabalho e suas contribuições tanto para a Polícia Militar, quanto para a sociedade paranaense.. Após o levantamento de dados, no capítulo seguinte foi realizada uma análise, apresentando as questões consideradas de maior relevância. Tais questões aparecem divididas em subseções para um maior aprofundamento do seu conteúdo.

Palavras-chave: Banda da Polícia Militar. Covid-19. Policiamento comunitário.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1	— BANDA DE MÚSICA DA PMPR EM DESFILE NA DÉCADA DE 1920.....	11
FOTOGRAFIA 2	— CONCERTO SINFÔNICO DA BM NO TEATRO GUAÍRA EM AGOSTO DE 2012 EM COMEMORAÇÃO AOS 158 ANOS DA PMPR....	13
FOTOGRAFIA 3	— DESFILE EM COMEMORAÇÃO AOS 197 ANOS DA PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL EM 7 DE SETEMBRO DE 2019.....	14
FOTOGRAFIA 4	— INTERIOR DO ÔNIBUS UTILIZADO PARA DESLOCAR O GRUPO DA BM.....	19
FOTOGRAFIA 5	— PARTE EXTERNA DO ÔNIBUS QUE TRANSPORTA A BM.....	20
FOTOGRAFIA 6	— MÚSICOS DA BM EXECUTANDO A CAMINHADA MUSICAL SENDO ESCOLTADOS POR VIATURAS LOCAIS.....	22
FOTOGRAFIA 7	— MÚSICOS EXECUTANDO O HINO NACIONAL BRASILEIRO EM FRENTE À FAXADA DE VÁRIOS PRÉDIOS.....	24
FOTOGRAFIA 8	— MÚSICOS DA BM SE APRESENTAM NO HOSPITAL REGIONAL DE SARANDI.....	26
FOTOGRAFIA 9	— TROPA PRESTANDO CONTINÊNCIA ENQUANTO A BM EXECUTA O HINO NACIONAL BRASILEIRO.....	27

LISTA DE SIGLAS

PMPR	—	POLICIA MILITAR DO PARANÁ
BM	—	BANDA DE MÚSICA
CCS/QCG	—	COMPANHIA DE COMANDOS E SERVIÇOS DO QUARTEL DO COMANDO GERAL
1º TEN.	—	PRIMEIRO TENENTE
SESA	—	SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO PARANÁ
OMS	—	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
CNN	—	CABLE NEWS NETWORK
ALEP	—	ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ
UNA-SUS	—	UNIVERSIDADE ABERTA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 HISTÓRIA E TRABALHO DA BANDA	11
2 METODOLOGIA E TEXTO ETNOGRÁFICO	16
2.1 ETNOGRAFIA.....	16
2.2 TEXTO ETNOGRÁFICO.....	18
3 ENTREVISTAS SEMI-EXTRUTURADAS	28
3.1 ENTREVISTADO 1.....	30
3.2 ENTREVISTADO 2.....	34
3.3 ENTREVISTADO 3.....	35
3.4 ENTREVISTADO 4.....	37
3.5 ENTREVISTADO 5.....	40
3.6 ENTREVISTADO 6.....	42
4 ANÁLISE DE DADOS	45
4.1 COVID-19.....	45
4.1.1 Medo da infecção.....	45
4.1.2 Mudança de rotina.....	47
4.2 POLICIAMENTO COMUNITÁRIO.....	48
4.2.1 O trabalho da BM como estratégia de policiamento comunitário.....	50
4.3 RELACIONAMENTO ENTRE A PMPR E A BM COM A SOCIEDADE.....	51
4.3.1 BM e sociedade.....	51
4.3.2 PMPR e sociedade.....	52
4.4 DINÂMICA DE TRABALHO.....	53
4.4.1 Caminhadas musicais.....	53
4.4.2 Hino Nacional Brasileiro.....	54
4.4.3 Hospitais e asilos.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a atividade dos músicos da Banda de Música (BM) da Polícia Militar do Paraná (PMPR) durante os meses de abril a agosto de 2020, período esse em que os músicos da BM realizaram caminhadas musicais pelas ruas das cidades e pequenos concertos na área externa dos hospitais públicos, tanto na capital quanto no interior do estado, com a ideia inicial de atenuar o estresse mental que o isolamento causado pela pandemia de Covid-19¹ trouxe aos cidadãos e profissionais de saúde.

A BM é uma sub-unidade da PMPR que fica subordinada à Companhia de Comandos e Serviços do Quartel do Comando Geral (CCS/QCG), e o seu trabalho se difere das demais unidades da corporação pela natureza de seu serviço, que é o de execução musical, tanto nas demandas internas da caserna como formaturas militares e desfiles, quanto no serviço externo atendendo o Governo do Estado e a sociedade em geral².

Segundo informações do jornal O Estado de Minas, em dezembro de 2019, na província chinesa de Wuhan, surgiu um novo tipo de corona vírus potencialmente letal e nocivo para os seres humanos (ALVES, 2020). Três meses depois, conforme o site Pebmed, em 17 de março de 2020, o Ministério da Saúde identificou o primeiro caso de morte no Brasil devido à infecção pela Covid-19 (BARRETO, 2020). A partir daí, todas as pessoas que não exercem funções essenciais para a sociedade foram orientadas a permanecer isoladas em suas residências, a fim de evitar ao máximo a propagação do vírus. De acordo com a Nota Orientativa 16/2020, da Secretaria de Estado da Saúde do Paraná (SESA/PR, 2020, p.1): “É importante evitar sair de casa. Caso seja imprescindível, ao retornar para casa alguns cuidados são necessários”. Esse isolamento trouxe inúmeras consequências para a sociedade como estresse, sentimento de solidão, medo da doença, entre outras.

¹ Doença infecciosa causada pelo vírus SARS-COV-2.

² Mais informações disponíveis em: <<https://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Banda-da-Policia-Militar-do-Parana>> . Acesso em: 07 out. 2021.

Graças aos incessantes estudos científicos sobre a nova doença e o sequenciamento genético do vírus, várias vacinas foram desenvolvidas e testadas ao longo do ano de 2020, sendo que, segundo reportagem do site CNN Brasil, 08 de dezembro de 2020 foi a data marcada com a primeira aplicação de uma vacina contra a Covid-19 no planeta fora de um ensaio clínico (HOLTON, 2020). Apesar de o início das vacinações representarem uma esperança para a resolução do problema de isolamento social, a imensa demanda mundial e as dificuldades logísticas de transporte e armazenamento das doses de vacina tornaram o processo de imunização lento e dificultoso, principalmente em países com menos recursos financeiros, prorrogando assim as medidas de isolamento até que uma expressiva parte da sociedade estivesse vacinada.

O trabalho musical que está sendo abordado nesta pesquisa acontece desde o início da pandemia em todo o território paranaense, em forma de performances musicais ao vivo e transmitidas via internet³, seguindo os mais rigorosos protocolos de distanciamento social e de higienização, tanto entre os profissionais da BM, quanto para com os espectadores que, geralmente, assistem as apresentações das sacadas dos prédios ou de dentro dos carros, enquanto a Banda toca na rua ou em outros locais abertos. Esse trabalho executado pelo grupo musical no período de pandemia de Covid-19 faz parte da estratégia de policiamento comunitário adotado pela corporação e será aprofundado durante a pesquisa.

O conceito de policiamento comunitário é baseado em uma nova forma de o estado proporcionar segurança pública para a população por meio da aproximação dos cidadãos com os agentes de segurança.

³ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/bandapmpr/>>. Acesso em: 23 set. 2021.

Conceitualmente, policiamento comunitário é definido como filosofia e estratégia organizacional que proporcionam uma nova parceria entre a população e a polícia, baseada na premissa de que ambos devem trabalhar, conjuntamente, na construção da segurança pública (TROJANOWICZ; BUCQUEROUX apud ADORNO; CARDIA; PINHEIRO, 2009, p.13).

Quebrar a barreira e o receio que as pessoas têm em enxergar no policial um amigo e, também, um agente que está ali para ajudá-lo, tem sido o objetivo das polícias em vários países no mundo nas últimas décadas.

O policiamento comunitário é uma filosofia de policiamento que ganhou força nas décadas de 70 e 80, quando as organizações policiais em diversos países da América do Norte e da Europa Ocidental começaram a promover uma série de inovações na sua estrutura e funcionamento e na forma de lidar com o problema da criminalidade. Em países diferentes, as organizações policiais promoveram experiências e inovações com características diferentes. Mas, algumas destas experiências e inovações são geralmente reconhecidas como a base de um novo modelo de polícia, orientada para um novo tipo de policiamento, mais voltado para a comunidade, que ficou conhecido como policiamento comunitário (BAYLEY; SKOLNICK apud NETO, 2004, p.1).

A confiança do cidadão no policial e vice versa é construída com ações de aproximação por parte das polícias e essa experiência é vantajosa, não apenas para a população, mas também para as corporações, que têm o seu trabalho facilitado pelo convívio próximo com a sociedade civil, entendendo e conhecendo mais a fundo suas carências e demandas e desenvolvendo uma melhor relação de confiança.

Por ser um trabalho participativo, que busca envolver e dialogar com diferentes atores e saberes, a própria rotina de trabalho do policiamento comunitário não só aproxima polícia, comunidade e outros atores, como também cria as condições para que se estabeleçam as relações mútuas de confiança (ADORNO; CARDIA; PINHEIRO, 2009, p.61-62).

A visão e opinião dos policiais militares músicos em relação a esse conceito também é objeto de estudo, bem como o uso do trabalho desenvolvido pela BM durante o período estudado como estratégia de policiamento comunitário.

Para desenvolver este trabalho, organizei o mesmo em quatro capítulos denominados, respectivamente: “História e trabalho da Banda”; “Metodologia e texto etnográfico”, “Entrevistas semi-estruturadas” e “Análise dos dados”. No primeiro capítulo, o leitor terá uma breve explanação sobre a trajetória da BM, através de fatos históricos e de informações que darão uma contextualização sobre o trabalho executado pelos policiais militares músicos pertencentes à corporação. O capítulo dois fala inicialmente sobre a metodologia utilizada na realização do presente estudo e, em seguida, descreve minha observação participante, através de um texto que contém partes de anotações feitas em um diário de campo, realizadas nos dias 12, 13 e 14 de maio de 2020. O texto traz ainda algumas fotografias dos eventos feitos durante esse período. O terceiro capítulo trouxe as informações obtidas nas entrevistas concedidas por seis profissionais da BM que participaram das apresentações aqui estudadas. Já o capítulo quatro trará uma análise detalhada dos dados obtidos durante os trabalhos de campo e nas entrevistas, sendo que, os assuntos estudados serão divididos em diferentes subseções.

CAPÍTULO 1: HISTÓRIA E TRABALHO DA BANDA

Segundo as informações contidas no site oficial da PMPR, em 1857 foi assinada pelo então governador da província do Paraná, Zacarias de Góis e Vasconcelos, a Lei de nº 30, que dispensava recursos do tesouro provincial para a criação de uma banda de música na capital que deveria ficar adida à Companhia da Força Policial. Já em 4 de julho do mesmo ano, por meio do Ato 86, criou-se a Banda de Música da Companhia de Força Policial da província do Paraná, sendo assim, a mais antiga organização musical oficial do estado. Em 10 de agosto de 2009, por proposição do deputado estadual Caíto Quintana, por meio da Lei de nº16.206/2009, a BM foi declarada patrimônio histórico, artístico e cultural do estado do Paraná devido aos serviços prestados à toda a comunidade durante mais de 150 anos.

FOTOGRAFIA 1 – BANDA DE MÚSICA DA PMPR EM DESFILE NA DÉCADA DE 1920.



FONTE: Arquivo da comunicação social da Banda de Música da PMPR (2021).

Atualmente a BM conta com cerca de 70 músicos, sendo que estes são divididos em diversas formações musicais de câmara e também em duas seções (A e B), com o objetivo de atender a grande demanda de serviços. Sua instrumentação está fragmentada em quatro

famílias de instrumentos, sendo elas: madeiras, metais, percussão e base harmônica. A família das madeiras é formada por flauta transversal, clarinete, oboé, fagote e saxofones (alto, tenor e barítono). Já a família dos metais possui trompete, trombone, trompa, euphonium e tuba. A família da percussão conta com a bateria montada, teclados percussivos e uma grande diversidade de tambores de baqueta e de mão, além dos instrumentos de efeitos percussivos. Por fim, a família da base harmônica é composta por guitarra elétrica, baixo elétrico e teclado elétrico.

Os serviços prestados pela BM atendem às mais diversas demandas do estado e da população civil, como: recepções de autoridades militares, consulares e de governo, formaturas militares, sessões solenes do estado, apresentações para o público paranaense em geral nos mais diversos eventos, além de concertos sinfônicos como o de aniversário da PMPR, executado anualmente em agosto no teatro Guaíra, em Curitiba.

FOTOGRAFIA 2 – CONCERTO SINFÔNICO DA BM NO TEATRO GUAÍRA, EM AGOSTO DE 2012, NA COMEMORAÇÃO DOS 158 ANOS DA PMPR



FONTE: Arquivo da Comunicação Social da Banda de Música da PMPR (2012).

Outro exemplo de serviço prestado pela BM são as apresentações nos tradicionais desfiles militares, nos quais a BM executa hinos, canções e dobrados militares. Nesse serviço a BM é a referência rítmica para que toda a tropa militar possa marchar no mesmo passo, além de dar brilho aos desfiles com a parte musical.

FOTOGRAFIA 3 – DESFILE EM COMEMORAÇÃO AOS 197 ANOS DA PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL EM 7 DE SETEMBRO DE 2019



FONTE: Arquivo da Comunicação Social da Banda de Música da PMPR (2019)

A Banda da PMPR exerce, entre outros, o trabalho de levar música à população paranaense, desde as classes sociais mais privilegiadas até as camadas menos favorecidas e isoladas da população, conforme reconhece a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP/PR), por meio de menção honrosa lavrada em 08 de junho de 2020.

A Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, por proposição do deputado Luiz Fernando Guerra e aprovada pelo douto Plenário, manda lavrar nos anais desta casa de leis, votos de louvor e congratulações à Banda da Polícia Militar do Paraná, que realiza apresentações ao ar livre, no período noturno, em bairros residenciais, instituições sociais, asilos e hospitais, levando paz, esperança e conforto por meio da música a todos quantos têm a oportunidade de sentir e testemunhar a emoção dessa oportunidade ímpar de ouvir, à noite e do interior de suas casas, a sonoridade agradável e pacificadora da boa e seleta música instrumental. (ALEP/PR, 2020, p.1).

A partir de março de 2020, com a declaração da pandemia de Covid-19 por parte da OMS (Organização Mundial de Saúde) e o reconhecimento nacional da pandemia por parte do Ministério da Saúde (UNA-SUS, 2020), o isolamento social passou a fazer parte da rotina da maioria das pessoas, com exceção dos profissionais dos chamados serviços essenciais para a sobrevivência da sociedade, como os ramos de alimentação, saúde e segurança. (SESA/PR, 2020).

Por conta da necessidade de manter o serviço prestado à população, a BM readaptou o seu trabalho, executando caminhadas musicais em todo o território paranaense, realizando shows transmitidos ao vivo pelas plataformas digitais e tocando em frente a hospitais, orfanatos e asilos como forma de gratidão aos profissionais de saúde e alento às pessoas que estão em situação de isolamento social, conforme afirmou o 1º TEN. Elizeu da Silva (então subchefe da BM), em entrevista concedida em 18 de julho de 2020. “Então, nós estamos fazendo homenagens aos profissionais de saúde que, assim como a Polícia Militar que está na linha de frente ao Covid-19, estão combatendo, trabalhando diariamente.” (JORNAL DE BELTRÃO, 2020).

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA E TEXTO ETNOGRÁFICO

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.31), “não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”. Para coletar os dados, trabalhei em duas frentes distintas, sendo que a primeira se dá por meio da observação participante e anotações em diário de campo, trazendo descrições para o leitor do trabalho realizado pelos militares músicos e suas dinâmicas. Já a segunda é a execução de entrevistas presenciais com seis voluntários que participaram das apresentações durante o período estudado, que se deu entre os meses de abril e agosto do ano de 2020, com o objetivo de compreender suas visões sobre os temas aqui propostos e entender o impacto desse trabalho e suas contribuições, tanto para a Polícia Militar, quanto para a sociedade paranaense. Esta segunda frente de pesquisa, está detalhada no capítulo 3 desse trabalho, juntamente com o conteúdo das entrevistas.

2.1 ETNOGRAFIA

O método da etnografia trouxe detalhamentos de situações costumeiras compartilhadas entre os profissionais da BM durante a execução dos serviços e ajuda o leitor a se familiarizar com algumas situações e expressões internas, que são comuns apenas para quem vivencia o trabalho rotineiramente neste contexto.

A etnografia é um método de pesquisa qualitativa, proveniente da Antropologia que, com o intuito de conhecer as concepções e os significados das ações e situações que constituem a cultura dos atores sociais, utiliza-se de um conjunto de técnicas específicas para descrevê-la. (PRASS, 1998, p.5).

Etnografia consiste em: descrever a execução do trabalho através de observação participante do pesquisador e posterior anotação regular em um diário de campo. Segundo Gil (2005), pelo fato de há uma década eu fazer parte do grupo estudado, a observação que foi feita assumiu a chamada forma natural que é quando o observador pertence ao grupo que investiga.

Na etnografia deverão ser descritas, com a maior riqueza de detalhes possível, todas as impressões do pesquisador sobre atitudes rotineiras dos profissionais, gírias, expressões comuns, conversas e comentários. Também deverá ser observada a audiência e suas reações, palavras de aprovação e desaprovação, atos de carinho, repúdio etc.

A etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons. Geralmente inclui tanto descrições detalhadas quanto declarações gerais sobre a música, baseada em uma experiência pessoal ou em um trabalho de campo. (SEEGGER, 2008, p. 239)

As informações coletadas pelo pesquisador foram redigidas no diário de campo e após serem analisadas foram usadas como base para a elaboração de uma descrição etnográfica que consta no corpo do trabalho. O fato de eu participar ativamente do grupo a ser estudado me leva a uma situação que se compreende por um fazer etnomusicológico “em casa”, ou seja, conforme define Peirano “o tipo de investigação desenvolvida no estudo da própria sociedade de alguém, onde ‘outros’ somos nós e aqueles relativamente diferentes de nós, a quem vemos como parte da mesma coletividade”. (1998, p.122-123, tradução nossa).

Existem quatro modalidades distintas de alteridade, segundo a antropóloga, no que se refere ao fazer “em casa” em trabalhos voltados à participantes de estudos antropológicos no Brasil. São elas: “radical otherness”, “contact with otherness”, “nearby otherness” e “radical us” (PEIRANO, 1998, p.116-121) que, em tradução literal são: “alteridade radical”, “contato com a alteridade”, “alteridade próxima” e “nós radical”, sendo que esse último traz a ideia de alteridade mínima. A modalidade “nós radical” ou “alteridade mínima” é a que mais se encaixa ao trabalho por mim realizado. Lembrando que eu faço parte do efetivo da BM.

2.2 TEXTO ETNOGRÁFICO

O texto etnográfico a seguir, irá descrever a viagem de um efetivo reduzido da BM, sendo, oito militares músicos, dois em apoio logístico e o comandante responsável pelo serviço, totalizando 11 militares para as cidades de Maringá e Sarandi, ambas situadas no norte do estado do Paraná, nas datas de 13 e 14 de maio de 2020. Na descrição constam dois exemplos de serviços: uma caminhada musical em algumas ruas da cidade de Maringá, e uma apresentação na área externa do hospital regional de Sarandi. Exemplos estes de serviços que foram bastante realizados nas viagens ao interior e também na capital do estado durante o período estudado.

Muito antes da caminhada em si, toda a preparação logística e acerto de repertório me exigiram muito esforço e concentração para decorar as músicas, tranquilizar os meus familiares e me preparar mentalmente para a missão que estava prestes a ser executada durante um período tão delicado e impróprio para se realizar uma viagem. Porém, o grupo sentia a obrigação de dar a sua contribuição para a população paranaense. A ideia de mudar as formas de apresentação veio quando tivemos uma súbita diminuição da procura dos nossos serviços por parte do estado e da população geral, tendo em vista que todo o cidadão tem o direito de solicitar os serviços da BM⁴. Essa diminuição ocorreu devido às restrições que se impuseram com a disseminação de um vírus cuja transmissão não se sabia direito como acontecia. Bandas militares de outros estados já haviam postado vídeos em redes sociais de apresentações feitas com distanciamento social, algo que nos inspirou a traçar novas estratégias para levarmos música para a população paranaense respeitando o distanciamento social e evitando promoção de aglomeração de pessoas. Tínhamos em mente que, praticamente todas as pessoas estavam tendo dificuldades para lidar com a nova realidade e que, por conta disso, o abalo psicológico afetava naquele momento grande parcela da população. Em função disso, foi preparado um repertório com canções que trouxessem alento e esperança e, ao mesmo, tempo ânimo para as pessoas, por isso músicas como I'll Be There⁵,

⁴ A petição será atendida conforme um cronograma de disponibilidade e conveniência.

⁵ Compositores: Hal Davis, Willie Hutch, Bob West e Berry Gordy.

e Viva la Vida⁶ foram escolhidas, ao lado de Oração Pela Família⁷ que foi a mais executada, principalmente nas primeiras apresentações, ocorridas no final de abril de 2020, essa canção emocionava e trazia as pessoas para as janelas e sacadas aos prantos.

Ao entrarmos no ônibus, as disposições dos integrantes da BM foram de um músico a cada quatro poltronas, para respeitar o distanciamento social. Apesar de todos estarem usando máscaras durante a viagem, as brincadeiras, piadas e risadas características de um grupo que trabalha junto durante muito tempo eram as mesmas de antes da pandemia.

FOTOGRAFIA 4 – INTERIOR DO ÔNIBUS UTILIZADO PARA DESLOCAR O GRUPO DA BM



FONTE: O autor (2020)

⁷ Compositor: padre Zezinho.

⁶ Compositores: Chris Martin, Jonny Buckland, Will Champion e Guy Berriman.

FOTOGRAFIA 5 – PARTE EXTERNA DO ÔNIBUS QUE TRANSPORTA A BM



FONTE: O autor (2020)

Ao chegarmos à cidade de Maringá, dei entrada no hotel e me dirigi ao quarto para me preparar para a apresentação que aconteceria logo mais a noite.

Por volta das 18 horas, todos os integrantes do grupo, devidamente fardados, se encontraram no saguão do hotel. Após algumas brincadeiras e descontração, embarcamos no ônibus novamente para sermos deslocados até aonde iríamos nos apresentar. Antes tivemos que passar no batalhão da cidade, pois iríamos até os locais de apresentação sob escolta de viaturas policiais pertencentes à unidade policial militar local, as quais fechariam o trânsito da via, para nos dar segurança durante o trajeto. O clima era um pouco tenso, pois não sabíamos ao certo qual seria a reação da população em relação à nossa apresentação. O início da caminhada musical sofreu um atraso, pois uma chuva começou a cair no caminho da apresentação e durou cerca de meia hora, mas logo parou de chover e pudemos desembarcar. Após nos posicionarmos, iniciou-se a transmissão via internet, os comentários começaram a chegar com saudações de várias cidades, inclusive de fora do país, como Lisboa e Boston. O tenente pediu para que as viaturas que estavam fazendo a segurança dos músicos tocassem as sirenes durante um minuto e meio, a fim de chamar a atenção das pessoas que, achando ser uma operação policial de rotina, voltariam as suas atenções para o local e seriam surpreendidos com a música. A estratégia deu certo, já que as pessoas saíram para as sacadas por curiosidade para saber o porquê das sirenes policiais e, quando estavam com suas atenções voltadas para o local, começamos a tocar os primeiros acordes e a dar os primeiros passos. (DIÁRIO DE CAMPO, 13 de maio de 2020).

A caminhada aconteceu em uma avenida muito movimentada do centro da cidade e as viaturas locais fecharam uma faixa do trânsito, a fim de nos proporcionar segurança durante a apresentação. Quando as pessoas viam que se tratava de uma passagem da Banda na rua ficavam surpresas, traziam as crianças para as sacadas e janelas e vibravam com as canções. Lembro que vi ao longe uma senhora limpando as suas lágrimas sob os óculos e essa cena me emocionou.

FOTOGRAFIA 6 – MÚSICOS DA BM EXECUTANDO A CAMINHADA MUSICAL SENDO ESCOLTADOS POR VIATURAS LOCAIS



FONTE: Setor de Comunicação Social do 5º Batalhão da Polícia Militar do Paraná (2020).

Conforme a caminhada foi se desenrolando fomos vencendo o nervosismo e apontando as campanas⁸ dos instrumentos na direção das pessoas e acenando para elas enquanto também recebíamos vários cumprimentos. Ao final de cada canção, ouvíamos aplausos assovios e, às vezes também, alguma frase de desaprovação do tipo “vai prender bandido”. Mas, essas pessoas eram recriminadas pelos seus próprios vizinhos.

⁸ Campana é a parte do instrumento de sopro por onde se projeta o som do mesmo, ou seja a “boca” do instrumento.

No momento em que passávamos em frente a um prédio residencial com muitos andares, tocando a canção Viva La Vida, ouvi um barulho muito estranho, pareciam pingos de chuva, só que muito intensos. Eu e os outros músicos demoramos alguns segundos para perceber que se tratavam de ovos que estavam sendo arremessados de um dos apartamentos, provavelmente de um morador que desaprovava a caminhada. Por sorte ninguém se machucou e apenas a barra da calça de um integrante do grupo ficou um pouco suja. (DIÁRIO DE CAMPO, 13 de maio de 2020).

Os espectadores balançavam bandeiras do Brasil e camisas da Seleção Brasileira de Futebol, como forma de apoio e patriotismo, e durante os intervalos entre as músicas ouvíamos vários pedidos para tocarmos o Hino Nacional Brasileiro.

Após muitos pedidos, tanto da plateia presencial, como dos espectadores que comentavam via internet, paramos em uma praça central onde ficamos visíveis para muitas pessoas e executamos o Hino Nacional Brasileiro. Esse momento foi muito emocionante, tanto para nós, quanto para a audiência, que das sacadas dos prédios cantavam com muita vivacidade a letra do hino. Muitas delas com a mão no peito como sinal de reverência à pátria, sendo que algumas ficaram visivelmente emocionadas. Para mim foi o ponto alto da apresentação. Após executarmos o Hino Nacional continuamos a caminhada até a frente do terminal de ônibus metropolitano central, onde já havia inclusive uma equipe de um jornal local para reportar o evento. (DIÁRIO DE CAMPO, 13 de maio de 2020)

FOTOGRAFIA 7 – MÚSICOS EXECUTANDO O HINO NACIONAL BRASILEIRO EM FRENTE À FACHADA DE VÁRIOS PRÉDIOS



FONTE: Setor de Comunicação Social do 5º Batalhão da Polícia Militar do Paraná. (2020).

Aguardamos a chegada do transporte e, ao embarcar, nos confraternizamos à distância pelo sucesso obtido na caminhada. Seguimos para repetir a apresentação em outro bairro residencial daquele município e, durante esse deslocamento, os policiais músicos falavam sobre a importância do trabalho da BM como uma ferramenta utilizada na atenuação do distanciamento entre a PMPR e a sociedade civil. Dizíamos que torcíamos mesmo era para que essa moda das caminhadas musicais pegasse de vez, pois dessa forma garantiríamos que a BM não precisaria interromper sua atividade musical e, assim, evitaríamos uma possível realocação do efetivo da BM para outras atividades de apoio à PMPR, tais como policiamento ostensivo e serviços administrativos, que apesar de serem igualmente importantes para a PMPR, acabam nos desviando da prática musical.

No dia seguinte, após o café da manhã que foi servido nos quartos do hotel, para evitar uma possível aglomeração no restaurante, eu e meus colegas colocamos novamente o fardamento e embarcamos no ônibus. O destino agora seria o hospital regional no município vizinho, Sarandi, e a apresentação foi em homenagem aos profissionais de saúde. O clima estava um pouco nublado e temíamos que uma chuva atrapalhasse a execução dos trabalhos. Mesmo assim desembarcamos e armamos as pastas e estantes, pois, como o serviço seria parado, ou a pé firme como costumamos dizer na caserna, a leitura de partituras nos permitiria executar um repertório um pouco mais elaborado. O clima no interior do ônibus enquanto aguardávamos o início da apresentação era descontraído, porém, cada um em seu lugar previamente demarcado precisava manter o distanciamento para evitar ao máximo qualquer risco de contágio indesejado. Desembarcamos do ônibus uns quinze minutos antes do início da apresentação e os médicos, enfermeiros, pacientes e outros profissionais que puderam dar uma pausa nas suas agitadas rotinas se posicionaram nas janelas e no saguão de entrada do local. A nossa apresentação aconteceu na parte externa do hospital, praticamente na rua, e mais uma vez contamos com o apoio de equipes policiais locais com viaturas para nos proporcionarem segurança.

O espetáculo contou com canções como *We Are The Champions*⁹ e *Halleluja*¹⁰, que causaram muita emoção à audiência que aplaudiu cada encerramento de música.

⁹ Compositor: Freddie Mercury.

¹⁰ Compositor: Leonard Cohen.

FOTOGRAFIA 8 – MÚSICOS DA BM SE APRESENTAM NO HOSPITAL REGIONAL DE SARANDI



FONTE: Setor de Comunicação Social do 5º Batalhão da Polícia Militar do Paraná (2020).

O tenente Elizeu, que é o responsável pelo nosso trabalho, deu uma palavra de agradecimento e explicou aos profissionais porque estávamos ali. Disse o quanto são importantes para a sociedade enquanto profissionais, principalmente em um período de crise de saúde. Em seguida, a diretora do hospital também falou sobre a alegria e a satisfação que era para eles estarem recebendo uma homenagem tão bonita, e que aquele ato de certa forma veio para renovar as energias daqueles profissionais que já estavam muito desgastados, pois estavam sobrecarregados de trabalho. Em seguida, tocamos novamente a canção *Oração Pela Família*, o que trouxe muita emoção ao público presente mais uma vez. (DIÁRIO DE CAMPO, 14 de maio de 2020.)

Ao final da apresentação os espectadores pediram para que houvesse um momento cívico com o toque do Hino Nacional Brasileiro e que a tropa prestasse continência para a Bandeira Nacional Brasileira.

FOTOGRAFIA 9 – TROPA PRESTANDO CONTINÊNCIA ENQUANTO A BM EXECUTA O HINO NACIONAL BRASILEIRO



FONTE: Setor de Comunicação Social do 5º Batalhão da Polícia Militar do Paraná (2020).

Após a apresentação, fomos convidados para tomar um café no refeitório do hospital, sempre cuidando para manter distância uns dos outros.

Depois de almoçar voltamos para o hotel aonde peguei minhas bagagens. Dei baixa na estadia e entrei novamente no ônibus para ir ao próximo município realizar o mesmo trabalho.

CAPÍTULO 3: ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Para realizar a segunda parte da coleta de dados, optei pelas entrevistas semi-estruturadas que, segundo Boni e Quaresma (2005, p.8), “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.” Esse tipo de entrevista traz a opinião dos entrevistados de forma livre e espontânea, pois, a utilização dessa ferramenta traz proximidade entre entrevistador e entrevistado e essa interação favorece a naturalidade das respostas.

Estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa. (BONI; QUARESMA, 2005, p.8).

O procedimento de entrevista consiste em: apresentar-se aos investigados, que serão policiais militares pertencentes ao efetivo da BM, com o objetivo de saber o que eles têm a dizer sobre temas propostos na pesquisa. Suas opiniões pessoais, satisfações, insatisfações etc., serão utilizados como geradores de informações.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (SELLTIZ et al. apud. GIL, 2012, p.109).

As entrevistas foram feitas preservando o anonimato dos policiais, visando resguardar a identidade dos mesmos. Os entrevistados foram numerados de 1 a 6 para a organização do material coletado, porém, seus nomes e graduações em momento algum são citados no texto.

Cabe esclarecer que a forma de tratamento entre militares é um pouco diferente do habitual entre os civis. Culturalmente nos dirigimos ao outro espontaneamente como “senhor e senhora”. Essa formalidade não tira a naturalidade da conversa, pois isso é um hábito corriqueiro entre os membros da caserna, e não configura de forma alguma uma quebra da espontaneidade das respostas.

Nas linhas abaixo apresento as perguntas¹¹ que elaborei para as entrevistas.

1. Há quanto tempo o senhor é músico da BM?
2. Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?
3. O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?
4. O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?
5. O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à BM?
6. O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à PMPR?
7. Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?
8. O senhor considera que o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 tem algo a ver com esse conceito?
- Se sim, o quê?

¹¹ A sequência das perguntas pode ter sido modificada dependendo das respostas do entrevistado, bem como, algumas perguntas podem ter sido suprimidas e outras elaboradas no momento da entrevista.

- Se não, por quê?

9. Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

3.1 ENTREVISTADO 1

- Há quanto tempo o senhor é músico da BM?

Da BM vai completar seis anos agora em setembro.

- Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?

Acredito que das duas formas, tanto positiva, quanto negativamente, afetou. Da maneira positiva é que a agente vivendo numa pandemia onde estava todo mundo muito isolado e nesse pânico de pegar o covid e transmitir para a família, a gente não teve esse tempo de ter pânico, porque a gente estava sempre trabalhando e sempre atuando. A gente manteve uma rotina que, pelo menos mentalmente foi saudável de continuar fazendo as coisas, de continuar trabalhando, né? Acredito que, de forma negativa, era um pouco desse medo que a gente tem de estar de certa forma exposto ao risco. Mas, acredito que foi muito positivo por a gente conseguir manter essa questão mental sem ficarmos tão abalados quanto pessoas que ficaram mais isoladas.

- O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?

Eu acredito que não tenha atrapalhado na execução do trabalho. Eu acho que aumentou alguns protocolos de segurança que a gente já tinha, mas não chegou a afetar na questão do desempenho musical. Essas coisas eu acredito que não, era mais aquela coisa de você estar sempre alerta em ter um cuidado a mais de saúde mesmo, né? De não ter contato direto. Mas, na execução eu acredito que não afetou de uma maneira direta.

- O fato de ter que readaptar o número de instrumentos para a nova realidade de pandemia, na sua visão, afetou de alguma forma a execução musical?

Eu acho que até valeu positivamente, porque você participar de outras formações musicais, e não tendo mais naipe e estando um pouco mais descoberto, você acaba trabalhando outras formas de sonoridade, outras formas de tocar né, outras opções ali. Então acho que eu particularmente tentei extrair o máximo que eu pude desse período que a gente teve né, dessas adaptações. Eu tentei extrair sempre as coisas boas, tentei focar sempre no que estava acontecendo de positivo disso, então eu tentei ir mais por esse viés no caso, né?

- O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?

Ah com certeza! Saindo um pouquinho da pergunta, eu acho que não só durante a pandemia, o trabalho da BM é um trabalho importante porque a musica é importante para o cidadão e para o ser humano em si, e o nosso trabalho durante a pandemia só veio reforçar o que a gente fazia. E, obviamente no momento mais difícil pra população e pra todos nos, ele veio para fortalecer, pra trazer um pouco de alento, de esperança num momento tão crítico que a gente viveu nessa pandemia.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à BM?

Sim, primeiro porque quando o cidadão tem esse primeiro contato com a BM, a gente sempre percebe uma surpresa muito grande em ter dentro da PMPR um setor como a BM. E com certeza, quando eles conhecem isso, a visão do todo da PMPR muda e, principalmente, em relação à BM, de ver policiais que foram preparados tanto para a questão do enfrentamento do serviço de rua, mas também estar fazendo algo mais leve, mais legal para a população.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à PMPR?

Com certeza! Eu acho que isso traz muito de como a PMPR é vista no geral, né? A PMPR é vista como algo truculento, como uma força do estado que sempre chega pra reprimir algo e, quando a gente chega com a BM, a gente vem pra um lado que é completamente

opositor a isso, né? Não que a policia seja algo repressor, mas a população acaba enxergando dessa forma e, de repente vem a BM e quebra tudo isso, trazendo um momento de lazer, trazendo um momento de emoção, algo diferente pra população. E trazendo no peito o símbolo da PMPR, trazendo essa mesma farda só que de uma outra forma de se ver.

- Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?

Eu acho que o policiamento comunitário, ele está em todas as instâncias da PMPR nesse contato com o cidadão. É muito esse se preocupar em como fazer o policiamento e como são as nossas diretrizes de como atuar perante os cidadãos, quando a gente está principalmente nos serviços de patrulhamento. O policiamento comunitário muitas vezes dá muito mais resultados do que a atuação policial de chegar e fazer uma abordagem. Muitas vezes você consegue resolver muita coisa só com esse policiamento do contato com o pessoal na rua, às vezes um “bom dia” já muda muita coisa no dia a dia da PMPR com o cidadão. E também o policiamento comunitário vem muito nesse viés de aproximar um pouquinho a PMPR da população, tirando essa barreira, que querendo ou não, existe entre a PMPR e a população. Acho que o policiamento comunitário ele vem pra tentar quebrar isso, pra mostrar que o policial ele é um cidadão também, nós também temos nossas falhas, temos nossos erros muitas vezes. E também você pode conversar, você pode dar “bom dia” para um policial na rua, não existe essa barreira entre cidadão e policial.

- O senhor considera que o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 tem algo a ver com esse conceito?

Com certeza! Acho que talvez não nessa mesma ideia, mas o que a gente faz não deixa de ser também uma vertente do policiamento comunitário, porque o objetivo principal ele é o mesmo que é essa aproximação e essa junção, e fazer todo mundo entender que nós lutamos uma mesma luta, estamos todos no mesmo lado. Eu acho que a BM tem um papel fundamental inclusive nisso, porque é uma aproximação mais fácil pro cidadão. Você chega e a BM está tocando e todo mundo gosta das músicas e é mais fácil, você consegue quebrar muitas barreiras de maneira mais rápida.

- Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

A BM sempre me fez viver momentos muito bacanas na minha vida, coisas que a gente vê, coisas que a gente ouve assim, mas a pandemia trouxe um cenário completamente diferente. E trouxe coisas para nós que a gente vai levar para a vida.

Vou citar duas situações rápidas aqui, a primeira acho que a gente estava tocando logo após o início do lockdown, então já estava há alguns dias tudo fechado e todas as pessoas em casa, foi bem no começo da pandemia e estava todo mundo naquele desespero geral. A gente estava tocando, eu não lembro em qual rua em Curitiba e, ao passarmos em frente a um prédio haviam umas senhorinhas, e uma delas desceu com a filha dela eu acho, e nós passamos tocando. Quando a gente viu a senhorinha daquele jeito que a BM toca a gente parou, virou de frente para o prédio em que elas estavam e tocou para elas. E essa senhora começou a chorar, e ela chora de escorrer lágrimas e quando terminamos a música todos da BM já ficaram com um nó na garganta de vê-la chorando daí ela disse de onde ela estava que ela estava muito emocionada de ouvir a BM e que estava muito nervosa com tudo o que estava acontecendo na pandemia. E que estava muito ruim ficar em casa, mas a BM naquele dia chegou ali e tocou para ela. E a filha dela também chorava muito por ver a mãe dela daquele jeito, então esse foi um momento que me marcou bastante, primeiro pelo desespero que a pandemia estava causando nas pessoas e como a BM, de forma simples, no nosso serviço do dia a dia de estar tocando ali impactava as pessoas me marcou bastante.

Outro momento que eu posso citar aqui é de quando a gente ia tocar em hospitais, e a gente via os profissionais da área da saúde que lutaram tão bravamente durante todo esse período, como era um alento para eles, ter um momento fora daquela loucura, daquela pandemia, toda aquela gente doente. Infelizmente muita gente falecendo e, de repente, a gente chegava no local, eles se reuniam e a gente tocava e você via como tudo aquilo era quase que um abraço, mesmo sem poder encostar. Mas era aquele abraço de falar – “cara você não está sozinho aqui, a gente não pode ajudar vocês diretamente, mas a gente também está lutando sabe?” E foram vários momentos assim, nós tocamos em vários locais assim pra profissionais de saúde, então foram vários momentos e eu acho que são os principais, assim, que eu posso citar.

3.2 ENTREVISTADO 2

- Há quanto tempo o senhor é músico da BM?

Há seis anos.

- Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?

Eu acho que afetou profissionalmente, né? Pensando num futuro próximo ajuda bastante a gente. Eu acho que a gente teve um crescimento pensando como pessoa e como músico também.

- O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?

- Olha, eu vou falar pra você que enquanto a gente estava fazendo não. Porém, depois disso eu tive Covid. Mas é até estranho porque foi totalmente depois do que a gente tinha feito, dentro dos períodos que foram feitas as caminhadas eu acho que a gente se adaptou bem.

- O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?

- Ah sim né! A gente via, principalmente nos hospitais que a gente ia tocar, e até mesmo nas ruas, o pessoal vindo agradecer, choravam ao ver a BM fazendo aquilo, né? E pra gente, principalmente no início das caminhadas, a gente achou que não teria efeito algum, né? Muita gente declinou de participar do projeto, mas a gente manteve e tivemos bons resultados.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à PMPR?

- Total! Muitas vezes os cidadãos que vinham agradecer, agradeciam pela polícia. A BM estava fazendo um trabalho que nenhuma outra parte da PMPR poderia fazer. Era somente a BM, e a gente abraçou a causa e teve resultado pra todo mundo, né? Para PMPR para BM para todo mundo.

- Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?

- Ah, o policiamento comunitário, eu penso que seja aquela proximidade da polícia com a comunidade, porém muitas vezes se exclui a BM que seria o maior elo pra fazer essa junção da comunidade e polícia. Porque o pessoal ainda tem a visão que o negócio de polícia é cassetete, né? Mas com a BM à frente seria muito mais fácil.

- O senhor considera que o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 tem algo a ver com esse conceito?

- Sim, com certeza! Na verdade é o que dá mais resultado, né? A gente vê várias coisas acontecendo. O pessoal dos batalhões participa de festas de aniversário e tal, com a criançada principalmente, né? E se envolvesse a BM a gente conseguiria atender essa criança por exemplo, mas já juntar parte da comunidade em que ela vive e talvez no futuro desse uma perspectiva melhor, né?

- Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

- Tem duas situações que eu posso citar assim, tiveram várias, mas essas duas eu mais quero citar, e as duas foram em Londrina. A primeira foi uma situação em que um pai com duas ou três crianças, eu não me lembro exatamente, uma era de colo, e ele foi praticamente do início até o final da caminhada, que eram uns três ou quatro quilômetros, e todas as crianças batendo palmas e pedindo pra tocar de novo as músicas, e no meio do trajeto nós paramos em uma rotatória e dissemos – “Poxa vamos tocar de novo essa mesma música?” Daí, entre nós, resolvemos tocar o Hino Nacional, e quando tocamos o Hino Nacional foi legal pra caramba, a comunidade inteira ao redor cantou o hino, e ali a gente viu que estava dando certo. Então, pra mim foi o que marcou.

3.3 ENTREVISTADO 3

- Há quanto tempo o senhor é músico da BM?

Da BM eu sou integrante há dez anos.

- Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?

Na vida profissional, a instituição BM teve uma vantagem em aparecer para a comunidade e na vida pessoal não afetou não.

- O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?

Acho que no começo eu nunca pensei no risco de infecção ou qualquer coisa parecida. A gente fez a primeira apresentação, que foi uma das melhores, porém a mais desconhecida. Estava todo mundo dentro de casa isolado, e a gente estava exposto na rua, assim, e de uma certa forma era uma coisa estranha. Porém, após isso, a gente conseguiu enxergar que os benefícios do trabalho eram muito melhores que o risco de infecção.

- O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?

Com certeza! Cem por cento! Os cidadãos, eles começaram a ver um lado da PMPR que existe há muitos anos, porém, talvez ele não estava sendo utilizado da maneira adequada.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à PMPR?

Com certeza, pelo fato de que a atividade da BM, ela não condiz com a atividade fim¹² da PMPR, então, quando o cidadão acaba vendo policiais executando seus instrumentos e coisa e tal, a população começa a voltar os olhos pra PMPR de uma maneira totalmente diferente sem dúvida nenhuma.

- Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?

Policiamento comunitário tem um conceito bonito que é a aproximação da polícia com a comunidade, porém, eu vejo que talvez no Brasil, e não só no Paraná, que a polícia ela tem

¹² Atividades que, segundo a Lei nº 16575 (Lei de Organização Básica da PMPR) destinam-se à preservação da ordem pública e segurança da população.

que trabalhar de uma forma repressiva, ela não tem condições de trabalhar de uma forma preventiva. Talvez o policiamento comunitário ele não funcione adequadamente, a única unidade possível hoje de se trabalhar com o policiamento comunitário seria a BM.

- Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

Como eu trabalho fazendo o registro né, transmissão nas redes sociais, eu vi muita coisa diferente acontecer, porém a primeira me marcou, que foi na cidade de Londrina. Eu fui até uma senhora pra ela dar uma palavra nas redes sociais e quando eu cheguei ela começou a chorar e ela não conseguia falar nada, ela só agradecia, ela dizia – “obrigada policiais, obrigada por vocês estarem aqui. Então aquela situação foi a que mais me marcou”.

3.4 ENTREVISTADO 4

- Há quanto tempo o senhor é músico da BM?

Vinte e seis anos.

- Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?

Profissionalmente acredito que afetou. Nós tivemos que mudar muita coisa da nossa rotina, e isso afetou um pouco a BM musicalmente e profissionalmente. Tivemos que nos adaptar, se reinventar e por isso acabamos perdendo um pouco musicalmente. Eu acredito que por isso profissionalmente afetou bastante.

Falando pessoalmente, eu acho que como toda a população mundial acho que a gente também sofreu um desgaste psicológico, a gente ficou com aquela sensação de como será amanhã, as perdas que iríamos ter, se iríamos perder familiares, ou se nos próprios seríamos afetados com esse vírus, pessoalmente afetou, mas a gente conseguiu lidar bem com isso, né? Eu pelo menos e a família acho que a gente conseguiu se sair bem disso.

- O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?

Olha aí é difícil, né? Porque eu ouvindo nos bastidores, a gente via que o pessoal tinha medo de fazer esses serviços principalmente nos hospitais. A gente ouvia que realmente o pessoal tinha muito medo de contrair. E muitas vezes a gente tocou em hospitais assim, na ala que o risco de infecção era alto, e a gente percebia que os músicos tinham medo de contrair e de levar pra suas famílias, levar para os filhos principalmente. E, de certa forma até ficar desamparado com isso. Algumas vezes a gente percebeu assim, que existia o medo, alguns tinham até certa rejeição para fazer esse serviço. Até por isso a gente fez uma equipe meio que fixa, mas o medo a gente percebia isso sempre, por mais que o pessoal não falasse diretamente isso, mas a gente percebia sim. Nas caminhadas musicais não, aí já era um serviço mais alegre, mais descontraído, e a intenção era levar a música para aqueles que estavam reclusos em casa, que estavam em confinamento. Aí era outro tipo e a gente não percebia que o pessoal tinha medo disso, mas nos hospitais sim.

- O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?

Ah, com certeza, né? A gente teve um bom retorno da população e do cidadão, então com certeza teve um impacto positivo, né? Muitas das vezes, principalmente nas caminhadas, a gente se deparou com muitas pessoas emocionadas, porque o choque dessa pandemia trouxe um medo muito grande pra todo mundo e todo mundo ficou perdido em casa, principalmente os idosos. A gente viu muitos idosos emocionados e sentindo a carência de ouvir uma música, de trazer uma esperança até pra eles. Isso pra BM foi muito positivo, para os músicos acho que foi de grande valia pra gente.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à PMPR?

Com certeza, né? A BM é a parte boa da PMPR, a gente sempre fala que a BM vai aonde muitas vezes a viatura não chega e a BM é sempre bem recebida, seja numa área nobre, ou numa comunidade carente, né? Então, a BM com certeza ela traz uma outra visão da PMPR. A gente teve um exemplo grande em Londrina, onde a gente foi em uma comunidade e as pessoas viram lá as viaturas todas nas esquinas e ficavam meio preocupadas, achando que ia ter uma blitz ou uma operação, e quando chegou a BM a gente viu todo mundo alegre e

feliz. As crianças pulando e querendo abraçar o policial, então realmente é uma outra visão da PMPR.

- Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?

Eu acho que é o futuro, né, da polícia, e um futuro próximo, que a PMPR vai ter que mudar um pouco a visão de policiamento. Hoje ninguém mais aceita uma polícia truculenta, uma polícia violenta, então esse policiamento comunitário eu acho que é o presente, ou o futuro próximo que a gente realmente vai ter que mudar a concepção de polícia, de estar mais próximo da comunidade.

- O senhor considera que o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 tem algo a ver com esse conceito?

A BM tem um papel fundamental nessa transformação, nessa mudança da PMPR. A BM é uma das poucas unidades que consegue fazer esse trabalho comunitário muito bem, né? Chegar próximo do cidadão sem que ele tenha medo ou receio da PMPR.

- Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

Tem dois assim, específicos, que me marcaram muito. Um em Londrina, que tinha um senhor que desde que a gente começou a caminhada e a gente andou uns dois ou três quilômetros, não sei exatamente, mas a BM tocando e ele seguindo a BM desde lá do início. Era um senhor já de idade, e um momento a gente parou para conversar com ele pra ver o que ele estava sentindo, o que ele achava do nosso trabalho, e daí ele só começou a falar e já começou a chorar! Chorar! Chorar muito, assim, ele estava muito emocionado, ele não tinha palavras pra expressar a importância da BM ali naquele momento, a alegria que ele estava sentindo. Porque ele estava na casa dele trancado há alguns meses já e quando ele viu a BM ele disse que teve que sair na rua e foi acompanhando a gente, aquilo ali me marcou bastante. E um outro foi em Curitiba que uma criança que ali no Hugo Lange no final ela veio falar com a gente e falou assim –“ nossa eu não tenho palavras pra dizer como foi lindo, como foi importante vocês virem tocar pra gente, que a gente está em casa assim.” Uma criança, né? Então assim, todos nós sofremos com essa pandemia, desde a criança até o idoso, e essa jogada de a gente tocar na rua aproximou muito a PMPR e a BM da comunidade e realmente trouxe muita alegria pra eles, né? Foi um momento, assim, rápido e da nossa parte simples de tocar na rua. Mas pra eles foi muito marcante, e essa menina estava muito emocionada junto

com a família dela. E ela queria expressar e falar o quanto foi legal para ela. Então esses dois momentos foram os mais marcantes, assim, dentre outros, mas esses dois eu lembro e guardo com carinho, assim, acho que foi importante

3.5 ENTREVISTADO 5

- Há quanto tempo o senhor é músico da BM?

Já sou integrante da BM do estado do Paraná há quinze anos.

- Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?

Pessoal principalmente acaba afetando bastante, porque a nossa preocupação sempre de, de repente ser contaminado em algum serviço, ou no deslocamento até o nosso local de trabalho e trazer o vírus para dentro de casa, podendo infectar pai, mãe, filhos e esposa, essa é ainda uma grande preocupação minha.

- O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?

A execução do meu trabalho como músico, ou seja, executante tocar o meu instrumento, e tocar uma música, ou preparar alguma apresentação, ou durante os ensaios, isso não afetou.

- O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?

Eu acho que sim! Com certeza! Eu acho que de forma positiva nós acabamos sim influenciando e afetando positivamente a sociedade paranaense como um todo.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à BM?

Sim, com certeza! Não só o nome da BM como o nome da corporação PMPR, ou seja, a polícia que não parou durante a pandemia e não se exime de estar na linha de frente, nunca se eximiu e nunca se eximirá de estar na linha de frente. E a BM também. Historicamente em todas as corporações e todas as forças armadas do mundo, sempre houve um corneteiro,

sempre houve uma equipe de percussão dando os toques para elevar o moral da tropa, ou seja, nós também continuamos nesse trabalho, levando música e dizendo “– olha aqui a PMPR também está trazendo algo de bom pra você através da música executada pela nossa BM”.

- Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?

Policiamento comunitário na minha visão é a polícia militar estar em contato com o cidadão, nos bairros, em escolas, em associações de bairros, entidades filantrópicas, e, principalmente, com os conselhos de segurança buscando identificar as prioridades de segurança que aquele bairro ou aquela comunidade necessita, trazendo o policial para próximo dessa população, para que a população conheça aquele policial, e não tenha só uma imagem de que o policial está ali para reprimir. Não, ele está ali também para ajudar, para orientar e para que as pessoas tenham contato e ganhem confiança de que “– poxa, se eu precisar a polícia e o policial estão próximos da gente.”

- O senhor considera que o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 tem algo a ver com esse conceito?

Eu acredito que sim. A BM, na realidade, eu sempre considero como o garoto propaganda da instituição, ou seja, aquela parte onde nós levamos a alegria, levamos distração também para a população ou para qualquer evento cívico ou militar que nós venhamos a participar, ou participamos, enfim, diretamente, assim, mesmo durante a pandemia nós não paramos, e com certeza é a PMPR e a BM próximas da comunidade, vinculando, assim como quem diz “– olha, a polícia está por aqui, se vocês precisarem nós estamos aqui.” E a música na realidade vem trazendo um alento, um afago no coração. E também para que os policiais que estão lá na linha de frente do policiamento ostensivo, também batalhando por todos nós, que a música possa chegar para deixá-los mais tranquilos com mais esperança de que isso vai passar.

- Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

Eu pessoalmente não fui escalado pras atividades em hospitais e asilos com esse grupo em específico, mas já o fiz através de um quarteto. Então, nos tocamos com o quarteto no Pequeno Príncipe, no Hospital do Trabalhador, no Hospital Erasto Gaertner e isso é sempre fantástico. A gente estar tocando nos corredores e as pessoas, os parentes e os próprios doentes saindo das enfermarias, dos quartos e vindo até nós ouvir a música. E aquele

momento é fantástico para eles, né? E isso é interessante. E durante a pandemia, eu trabalhei com as caminhadas musicais né, então a gente começava num bairro e ia percorrendo as ruas, e aquela situação que te toca, é quando você termina uma música e olha aquelas pessoas que estão nos prédios. Está todo mundo te aplaudindo, acendendo luzes e dizendo “– vamos lá pessoal, muito bem, obrigado à PMPR.” Isso é fantástico, isso é gratificante, e faz você sentir que cumpriu o seu objetivo, de tocar aquelas pessoas, e fazer com que elas saíssem de suas rotinas e naquele momento escutassem um pouco de música. Isso é maravilhoso! É maravilhoso!

3.6 ENTREVISTADO 6

- Há quanto tempo o senhor é músico da BM?

Vinte e quatro anos e sete meses.

- Atuar em um projeto musical como policial militar de maneira presencial, durante o período de pandemia e isolamento social devido à Covid-19, de alguma forma te afeta pessoal e profissionalmente?

Acho que na questão pessoal não, mas na profissional muito! Porque teve a rotina de ensaios, as viagens e tudo mais, e eu acho que isso fez com que a questão profissional prática mudasse muito.

- O medo de infecção e a exposição do profissional músico ao risco iminente de contrair a Covid-19, afetou a execução do seu trabalho durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais?

Não necessariamente. Isso é uma coisa que eu nunca me preocupei, assim, claro que teve toda a questão de manter o distanciamento, do uso do álcool em gel e da máscara, teve todo esse cuidado e tudo mais, mas o medo é algo que nunca me preocupou. É porque eu tenho esse lado espiritual que a maioria não vai entender, então pra mim foi muito de boa.

- O senhor acha que seu trabalho na BM durante a pandemia afeta os cidadãos que têm contato com ele?

Ah isso sim! A experiência que a gente teve, de estarmos executando os nossos instrumentos nas ruas e a sociedade ouvindo as músicas, e as músicas têm uma letra que muitas pessoas conheciam né, eu acho que isso fez um diferencial enorme em relação à

atividade que a BM exerce, ainda mais na pandemia, onde ela foi o único segmento da PMPR e o único segmento em geral dos órgãos do governo que levou um acalento a sociedade. A PMPR em si, com a atividade fim, não teve esse poder, até porque no início do projeto não havia nenhuma previsão de início de vacinação. O nosso trabalho de certa forma era uma maneira de dizer “– espera que a vacina está chegando.” Quando o som da música chegou, chegou com ele um pouquinho de esperança, e o único segmento que teve esse poder foi a BM sem dúvida alguma.

- O senhor acha que o trabalho executado pela BM durante o período de Covid-19 afeta a visão que o cidadão tem em relação à PMPR?

Aí entra aquela velha história que a BM é o cartão postal da PMPR, porque querendo ou não a gente executando as retretas nossas enquanto estamos fardados, automaticamente isso remete à imagem da PMPR, né? E isso refletiu com certeza para a instituição em si, a PMPR.

- Qual é a sua visão sobre o conceito de policiamento comunitário?

A visão que eu tenho sobre o conceito de policiamento comunitário é aquela aproximação do policial com o cidadão, mas eu não vejo aquela aproximação do tipo “– eu tenho um PB¹³ a ser realizado no QTH (local) no horário tal, eu vou pra lá e quando encerrar o meu horário tchau vou seguir minha escala pra outro local. Não é isso, o policiamento comunitário é quando o policial se relaciona diretamente com o cidadão, aquele relacionamento interpessoal, que difere daquela situação de quando há um roubo ou um assassinato que também faz parte, mas o policiamento comunitário vai além disso, é aquela amizade de saber o nome do policial, se o policial está chegando eu vou oferecer uma água pro policial, esse é o relacionamento que aproxima o policial da sociedade.

- O senhor considera que o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 tem algo a ver com esse conceito?

Total! Aí, sem duvida nenhuma, a exemplo em uma das caminhadas musicais, que você estava presente, não sei se você se recorda, a gente foi convidado para tocar em um segundo local que não estava programado e esse segundo local se tratava de um bairro em

¹³ Ponto base de policiamento, local fixo onde uma equipe policial permanece de prontidão durante um tempo preestabelecido por uma escala.

uma região menos favorecida da cidade, se não me engano a cidade era Pato Branco. Aí eu me lembro que um rapaz com muita timidez veio até a gente e disse assim – “você poderiam vir perto do carro tocar para a minha irmã que sofre de retardo mental.” Era uma doença muito grave e ele veio pedir que a gente tocasse perto de onde ela estava, ou seja, ele colocou ela no carro e veio até aonde nós estávamos tocando, e a gente foi, claro, não poderia ser diferente ante a um pedido tão nobre desses, é um pedido muito humanitário que vai além de uma ocorrência ou de uma retreta. E, algo mais próximo da comunidade que vai no cerne de um relacionamento entre a comunidade e a PMPR, e a gente tocou e a irmã dele saltou no banco do carro de alegria, e isso foi uma experiência muito positiva, né?

- Quais momentos marcantes o senhor experimentou durante as caminhadas musicais e apresentações nos hospitais?

A gente falou sobre polícia comunitária aonde a polícia se relaciona com a sociedade, aí vem a música e faz com que a BM se relacione com a comunidade. Mas tocar em um asilo vai a uma dimensão que não tem como explicar, a não ser se você viver aquilo, as pessoas ali dentro estão fadadas a um restante de vida fechadas naquele ambiente, as famílias que mandam os seus entes para um asilo são aquelas pessoas que sabem que o resto da vida daquela pessoa vai ser naquele local, lá seria uma “prisão mais aliviada” digamos assim.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE DADOS

Os dados resultantes dos trabalhos de campo e das entrevistas por mim realizados foram analisados no presente capítulo. Dados estes que foram resultantes dos dois procedimentos abordados nessa pesquisa: O texto etnográfico e as entrevistas semi-estruturadas.

A categorização dos assuntos foi dividida em quatro partes principais, que se relacionam com a visão que os policiais militares músicos têm em relação ao trabalho musical analisado nessa pesquisa, são eles: Covid-19, policiamento comunitário, relacionamento entre a PMPR e a BM com a sociedade e dinâmica do trabalho. Algumas partes possuem subdivisões que exploram os temas em questão em maior profundidade.

4.1 COVID-19

Conforme informações apresentadas na Introdução desse trabalho, o vírus SARS-Cov2 é muito temido devido a sua potencial letalidade e fácil transmissão. O medo da infecção tem feito com que o nível de saúde mental das pessoas tenha sido afetado, sendo que o isolamento social agrava ainda mais essa situação.

Estudos têm sugerido que o medo de ser infectado por um vírus potencialmente fatal, de rápida disseminação, cujas origens, natureza e curso ainda são pouco conhecidos, acaba por afetar o bem-estar psicológico de muitas pessoas. (CARVALHO et al. apud SCHMIDT et al., 2020, p.3)

4.1.1 Medo da infecção

A facilidade e sustentação da transmissão do vírus SARS-Cov2 estavam entre os motivos de receio por parte dos profissionais músicos pertencentes à BM.

O grau de transmissibilidade de um vírus é medido com base em dois fatores: na facilidade com que ele é transmitido e se sua transmissão é sustentada, ou seja, se ela ocorre de pessoa para pessoa sem interrupção. No caso do novo coronavírus, a transmissão ocorre de forma muito fácil e sustentada entre pessoas. (AROUCA, 2020, p.1)

A preocupação de uma possível contaminação por uma doença que é potencialmente fatal, esteve presente em boa parte dos profissionais da BM, conforme relatado nas entrevistas semi-estruturadas. O medo de ser infectado e de trazer o vírus para dentro de suas casas esteve na rotina dos militares músicos durante todo o período estudado, sobretudo nos momentos em que as apresentações ocorriam em locais de alto índice de transmissibilidade, como hospitais e asilos.

Entrevistado 5: “[...] acaba afetando bastante, porque a nossa preocupação sempre de, de repente ser contaminado em algum serviço, ou no deslocamento até o nosso local de trabalho e trazer o vírus para dentro de casa, podendo infectar pai, mãe, filhos e esposa, essa é ainda uma grande preocupação minha.”

Entrevistado 4: “[...] o pessoal tinha muito medo de contrair. E muitas vezes a gente tocou em hospitais, assim, na ala que o risco de infecção era alto, e a gente percebia que os músicos tinham medo de contrair e de levar pra suas famílias, levar para os filhos principalmente e, de certa forma, até ficar desamparado com isso. Algumas vezes a gente percebeu assim que existia o medo. Alguns tinham até certa rejeição para fazer esse serviço.”

Apesar do receio e a preocupação vivida por parte dos músicos em relação à possibilidade de infecção da Covid-19, outra parte dos profissionais alegou não ter tido tempo de ter medo, pois como a rotina de trabalhos foi intensa, a parte psicológica foi totalmente voltada para a execução dos mesmos.

Entrevistado 1: “Da maneira positiva é que a gente vivendo numa pandemia onde estava todo mundo muito isolado e nesse pânico de pegar o covid e transmitir para a família, a gente não teve esse tempo de ter pânico, a gente estava sempre trabalhando e sempre atuando. Mantivemos uma rotina que, pelo menos mentalmente foi saudável de continuar fazendo as coisas, de continuar trabalhando né? [...] Mas acredito que foi muito positivo, pois, conseguimos manter essa questão mental sem ficarmos tão abalados quanto pessoas que ficaram mais isoladas.”

Entrevistado 3: “Acho que no começo eu nunca pensei no risco de infecção ou qualquer coisa parecida. A gente fez a primeira apresentação que foi uma das melhores, porém a mais desconhecida. Estava todo mundo dentro de casa isolado e a gente estava exposto na rua, assim, e de uma certa forma era uma coisa estranha, porém, após isso, a gente conseguiu enxergar que os benefícios do trabalho eram muito melhores que o risco de infecção”.

4.1.2 Mudança de rotina

De acordo com algumas das anotações de diário de campo apresentadas no segundo capítulo que repito na sequência:

A ideia de mudar as formas de apresentação veio quando tivemos uma súbita diminuição da procura dos nossos serviços por grande parte da população, tendo em vista que todo o cidadão tem o direito de solicitar os serviços da BM, mas essa solicitação será atendida conforme um cronograma de disponibilidade e conveniência, e essa diminuição ocorreu devido às restrições que se impuseram com disseminação desse vírus que ninguém sabia direito como era transmitido. (DIÁRIO DE CAMPO, 13 DE MAIO DE 2020)

O problema da pandemia de Covid-19 obrigou a humanidade a mudar seus hábitos muito rapidamente e os músicos da PMPR também tiveram que adequar suas rotinas de trabalho. O perigo de infecção ao qual estavam expostos os profissionais que realizaram esse trabalho foi levado em consideração, sendo que, antes do seu início, foi solicitado que os músicos que não pertencem a nenhum grupo de risco se voluntariassem, assim como, foi utilizado um efetivo o mais reduzido possível para a realização do projeto, além de rotatividade mínima de componentes nas diferentes jornadas de trabalho, com a finalidade de reduzir ao máximo a possibilidade de circulação viral no ambiente de trabalho da BM. Ou seja, a definição de equipes o mais fixas possível foi adotada como forma de precaução.

Entrevistado 4: “[...] até por isso a gente fez uma equipe meio que fixa, mas o medo a gente percebia isso sempre, por mais que o pessoal não falava diretamente isso, mas a gente percebia sim.” [...]“Nós tivemos que mudar muita coisa da nossa rotina, e isso afetou um pouco a BM musicalmente e profissionalmente. [...] afetou, porque algumas coisas saíram um pouco de controle e nós tivemos que nos adaptar, nos reinventar e por isso acabamos perdendo um pouco musicalmente. Eu acredito que por isso profissionalmente afetou bastante.”

4.2 POLICIAMENTO COMUNITÁRIO

Conforme apresentado na Introdução desse trabalho, o policiamento comunitário consiste em uma nova estratégia de policiamento na qual o agente público de segurança cria laços de confiança com a sociedade civil e vice-versa. Essa confiança é construída com ações de aproximação por parte das polícias, sendo que essa experiência é vantajosa não apenas para a população, mas também para as corporações, que terão o seu trabalho facilitado pelo convívio próximo com a sociedade civil, entendendo e conhecendo mais a fundo suas carências e demandas e desenvolvendo uma melhor relação de confiança.

Por ser um trabalho participativo, que busca envolver e dialogar com diferentes atores e saberes, a própria rotina de trabalho do policiamento comunitário não só aproxima polícia, comunidade e outros atores, como também cria as condições para que se estabeleçam as relações mútuas de confiança. (ADORNO; CARDIA; PINHEIRO, 2009, p.61-62).

A visão dos militares músicos entrevistados nessa pesquisa sobre o policiamento comunitário está em acordo com o conceito apresentado.

Entrevistado 5: “Policiamento comunitário na minha visão é a polícia militar estar em contato com o cidadão, nos bairros, em escolas, em associações de bairros, entidades filantrópicas e, principalmente, com os conselhos de segurança, buscando identificar as prioridades de segurança, que aquele bairro ou aquela comunidade necessita, trazendo o policial para próximo dessa população, para que a população conheça aquele policial e não tenha só uma imagem de que o policial está ali para reprimir. Não, ele está ali também para ajudar, para orientar e para que as pessoas tenham contato, e ganhem confiança de que — poxa, se eu precisar a polícia e o policial estão próximos da gente.”

Entrevistado 6: “O policiamento comunitário é quando o policial se relaciona diretamente com o cidadão, aquele relacionamento interpessoal, que difere daquela situação de quando há um roubo ou um assassinato que também faz parte. Mas, o policiamento comunitário vai além disso, é aquela amizade de saber o nome do policial, se o policial está chegando eu vou oferecer uma água pro policial. Esse é o relacionamento que aproxima o policial da sociedade.”

Entrevistado 1: “O policiamento comunitário muitas vezes dá muito mais resultados do que a atuação policial de chegar e fazer uma abordagem. Muitas vezes você consegue resolver muita coisa só com esse policiamento, do contato com o pessoal na rua. Às vezes um ‘bom dia’ já muda muita coisa no dia a dia da PMPR com o cidadão. E também, o policiamento comunitário vem muito nesse viés de aproximar um pouquinho a PMPR da população, tirando essa barreira que querendo ou não existe entre a PMPR e a população. E acho que o policiamento comunitário ele vem pra tentar quebrar isso, pra mostrar que o policial ele é um cidadão também.”

Porém, em algumas entrevistas foram relatadas dificuldades de implantação prática dessa estratégia de segurança pública.

Entrevistado 3: “Policiamento comunitário tem um conceito bonito que é a aproximação da polícia com a comunidade, porém, eu vejo que talvez no Brasil, e não só no Paraná, que a polícia ela tem que trabalhar de uma forma repressiva, ela não tem condições de trabalhar de uma forma preventiva.”

Entrevistado 4: “Eu acho que é o futuro, né? [...] em um futuro próximo, [a] PMPR vai ter que mudar um pouco a visão de policiamento, hoje ninguém mais aceita uma polícia truculenta, uma polícia violenta, então esse policiamento comunitário eu acho que é o presente, ou o futuro próximo que a gente realmente vai ter que mudar a concepção de polícia, de estar mais próximo da comunidade.”

4.2.1 O trabalho da BM como estratégia de policiamento comunitário

Os entrevistados apontam o trabalho desenvolvido pela BM como uma ferramenta de aproximação da sociedade com a PMPR de extrema utilidade. Alguns deles apontam a BM como a melhor, e outros até como a única ferramenta de aproximação da PMPR com a sociedade civil.

Entrevistado 3: “[...] talvez o policiamento comunitário ele não funcione adequadamente, a única unidade possível hoje de se trabalhar com o policiamento comunitário seria a BM.”

Entrevistado 1: “A BM tem um papel fundamental inclusive nisso, porque é uma aproximação mais fácil pro cidadão. Você chega e a BM está tocando e todo mundo gosta das músicas e é mais fácil, você consegue quebrar muitas barreiras de maneira mais rápida.”

Entrevistado 2: “A BM que seria o maior elo pra fazer essa junção da comunidade e polícia. Porque o pessoal ainda tem a visão que o negócio de polícia é cassetete, né? Mas com a BM à frente seria muito mais fácil.”

Entrevistado 4: “A BM tem um papel fundamental nessa transformação, nessa mudança da PMPR. A BM é uma das poucas unidades que consegue fazer esse trabalho comunitário muito bem, chegar próximo do cidadão sem que ele tenha medo ou receio da PMPR.”

Entrevistado 5: “A BM, na realidade, eu sempre considero como o garoto propaganda da instituição, ou seja, aquela parte onde nós levamos a alegria, levamos distração também para a população [...] como quem diz – ‘olha, a polícia está por aqui, se vocês precisarem nós estamos aqui’. E a música na realidade vem trazendo um alento e um afago no coração da população, e também para os policiais que estão lá na linha de frente do policiamento ostensivo, também batalhando por todos nós, que a música possa chegar para deixá-los mais tranquilos com mais esperança de que isso vai passar.”

4.3 RELACIONAMENTO ENTRE A PMPR E A BM COM A SOCIEDADE

Um ponto a ser levado em consideração na execução do trabalho da BM é o resultado desse esforço na melhora do relacionamento entre a sociedade paranaense e as instituições PMPR e BM, e isso se reflete diretamente na visão geral que os cidadãos paranaenses têm em relação a essas instituições públicas.

4.3.1 BM e sociedade

O trabalho realizado pelos militares músicos durante a pandemia de Covid-19 eleva muito o conceito que o cidadão que tem contato com ele sente em relação à BM, segundo os profissionais entrevistados. Essa foi uma concordância de todos os participantes da pesquisa.

Entrevistado 1: “Sim, primeiro porque quando o cidadão tem esse primeiro contato com a BM, a gente sempre percebe uma surpresa muito grande em ter dentro da PMPR um setor como a BM. E com certeza, quando eles conhecem isso, a visão do todo da PMPR muda e principalmente em relação à BM, de ver policiais que foram preparados tanto para a questão do enfrentamento do serviço de rua, mas também estar fazendo algo mais leve, mais legal para a população.”

Entrevistado 4: “A gente teve um bom retorno da população e do cidadão, então com certeza teve um impacto positivo, né? muitas das vezes, principalmente nas caminhadas, a gente se deparou com muitas pessoas emocionadas, porque o choque dessa pandemia trouxe um medo muito grande pra todo mundo e todo mundo ficou perdido em casa, principalmente os idosos. A gente viu muitos idosos emocionados e sentindo a carência de ouvir uma música, de trazer uma esperança até pra eles. Isso pra BM foi muito positivo para os músicos acho que foi de grande valia pra gente.”

Entrevistado 6: “A experiência que a gente teve, de estar executando os nossos instrumentos nas ruas e a sociedade ouvindo as músicas, e as músicas têm uma letra que muitas pessoas conheciam, né? Eu acho que isso fez um diferencial enorme em relação a atividade que a BM exerce ainda mais na pandemia, onde ela foi o único segmento da PMPR e o único segmento em geral dos órgãos do governo que levou um acalento à sociedade. A PMPR em si, com a atividade fim não teve esse poder, até porque no início do projeto não havia nenhuma previsão de início de vacinação. O nosso trabalho, de certa forma, era uma maneira de dizer – ‘espera que a vacina está chegando.’ Quando o som da música chegou, chegou com ele um pouquinho de esperança, e o único segmento que teve esse poder foi a BM sem dúvida alguma.”

4.3.2 PMPR e sociedade

A melhora do conceito sobre a PMPR por grande parte dos cidadãos que têm contato com a BM é relatada em todas as entrevistas. Durante a execução do seu trabalho, o músico da BM se depara com muitas pessoas agradecendo à PMPR pela música com a qual estão tendo contato naquela oportunidade. Segundo os entrevistados, isso faz com que a pessoa crie um carinho pela PMPR através do trabalho da BM.

Entrevistado 2: “Muitas vezes os cidadãos que vinham agradecer, eles agradeciam pela polícia. A BM estava fazendo um trabalho que nenhuma outra parte da PMPR poderia fazer, era somente a BM, e a gente abraçou a causa e teve resultado pra todo mundo, né? Para a PMPR, para a BM, para todo mundo.”

Entrevistado 4: “A BM é a parte boa da PMPR, a gente sempre fala que a BM vai aonde muitas vezes a viatura não chega e a BM é sempre bem recebida, seja numa área nobre, ou seja, numa comunidade carente, né? Então, a BM com certeza ela traz uma outra visão da PMPR. A gente teve um exemplo grande em Londrina, onde a gente foi em uma comunidade e as pessoas viram lá as viaturas todas nas esquinas e ficavam meio preocupadas, achando que ia ter uma blitz ou uma operação. E quando chegou a BM a gente viu todo mundo alegre e feliz, as crianças pulando e querendo abraçar o policial. Então realmente é uma outra visão da PMPR.”

Entrevistado 6: “Aí entra aquela velha história que a BM é o cartão postal da PMPR, porque querendo ou não a gente executando as retretas¹⁴ nossas enquanto estamos fardados, automaticamente isso remete à imagem da PMPR, né? E isso refletiu com certeza para a instituição em si, a PMPR.”

Entrevistado 3: “Com certeza, pelo fato de que a atividade da BM ela não condiz com a atividade fim da PMPR, então, quando o cidadão acaba vendo policiais executando seus instrumentos e coisa e tal, a população começa a voltar os olhos pra PMPR de uma maneira totalmente diferente sem dúvida nenhuma.”

¹⁴ Retreta significa apresentação de banda de música, geralmente em praça pública.

4.4 DINÂMICA DO TRABALHO

Na análise das entrevistas, fica claro que as lembranças de momentos marcantes estão na memória dos músicos e cada um guarda consigo uma ou mais ocasiões que, para eles, foram de grande valia. Compreender um pouco dessa dinâmica é importante para entender melhor o trabalho executado por esses profissionais.

4.4.1 Caminhadas musicais

As caminhadas musicais geraram interações mais aproximadas entre os profissionais da BM e a população, principalmente as pessoas que se encontravam isoladas em suas residências e puderam ver algo diferente das suas rotinas no contexto do isolamento.

Entrevistado 3: “Como eu trabalho fazendo o registro, né? Transmissão nas redes sociais, eu vi muita coisa diferente acontecer, porém a primeira me marcou, que foi na cidade de Londrina, eu fui até uma senhora pra ela dar uma palavra nas redes sociais e quando eu cheguei ela começou a chorar e ela não conseguia falar nada, ela só agradecia, ela dizia – ‘obrigada policiais, obrigada por vocês estarem aqui’. Então aquela situação foi a que mais me marcou.”

Entrevistado 4: “Em Londrina, que tinha um senhor que desde que a gente começou a caminhada e a gente andou uns dois ou três quilômetros, não sei exatamente, mas a BM tocando e ele seguindo a BM desde lá do início. E era um senhor já de idade e, um momento a gente parou para conversar com ele pra ver o que ele estava sentindo, o que ele achava do nosso trabalho. E daí, ele só começou a falar e já começou a chorar! Chorar! Chorar muito assim, ele estava muito emocionado, ele não tinha palavras pra expressar a importância da BM ali naquele momento, a alegria que ele estava sentindo, porque ele estava na casa dele trancado há alguns meses já e quando ele viu a BM ele disse que teve que sair na rua e foi acompanhando a gente, aquilo ali me marcou bastante.”

Entrevistado 6: “A gente foi convidado para tocar em um segundo local que não estava programado e esse segundo local se tratava de um bairro em uma região menos favorecida da cidade, se não me engano a cidade era Pato Branco. Ai eu me lembro que um rapaz com muita timidez veio até a gente e disse assim – ‘vocês poderiam vir perto do carro tocar para a minha irmã que sofre de retardo mental?’

Era uma doença muito grave e ele veio pedir que a gente tocasse perto de onde ela estava, ou seja, ele colocou ela no carro e veio até aonde nós estávamos tocando e a gente foi, claro não poderia ser diferente ante a um pedido tão nobre desses. É um pedido muito humanitário que vai além de uma ocorrência ou de uma retreta, é algo mais próximo da comunidade que vai no cerne de um relacionamento entre a comunidade e a PMPR. E a gente tocou e a irmã dele saltou no banco do carro de alegria, e isso foi uma experiência muito positiva né?”

4.4.2 Hino Nacional Brasileiro

O Hino Nacional Brasileiro não estava no repertório das primeiras caminhadas musicais. Ele surgiu de forma não planejada e, por ter tido uma aceitação muito boa do público quando foi tocado pela primeira vez, passou a ser um ponto tradicional nas caminhadas, um momento de muita emoção tanto para os músicos, quanto para a audiência.

Após muitos pedidos tanto dos espectadores presenciais, como das pessoas que comentavam via internet, paramos em uma praça central (Maringá) onde ficamos visíveis para muitas pessoas e executamos o Hino Nacional Brasileiro. Esse momento foi muito emocionante, tanto para nós, quanto para a audiência que das sacadas dos prédios cantavam com muita vivacidade a letra do hino. Muitas delas com a mão no peito como sinal de reverência à pátria, algumas delas visivelmente emocionadas, para mim, foi o ponto alto da apresentação. (DIÁRIO DE CAMPO, 13 DE MAIO DE 2020)

Entrevistado 3: “No meio do trajeto nós paramos em uma rotatória e dissemos – ‘Poxa vamos tocar de novo essa mesma música?’ Daí, entre nós, resolvemos tocar o Hino Nacional e, quando tocamos o Hino Nacional foi legal pra caramba, a comunidade inteira ao redor cantou o hino e ali a gente viu que estava dando certo. Então, pra mim, foi o que marcou.”

4.4.3 Hospitais e asilos

Apesar de gerarem mais tensão, as apresentações em ambientes de maior risco de contaminação do vírus Sars-Cov2 tinham uma carga emocional muito forte para grande parte dos profissionais da BM, pelo fato de as pessoas que recebiam a música estarem em situação de vulnerabilidade devido ao ambiente e situação de saúde em que se encontravam.

Entrevistado 1: “Quando a gente ia tocar em hospitais e a gente via os profissionais da área da saúde que lutaram tão bravamente durante todo esse período, como era um alento para eles ter um momento fora daquela loucura, daquela pandemia, toda aquela gente doente. Infelizmente muita gente falecendo e, de repente, a gente chegava no local, eles se reuniam e a gente tocava e você via como tudo aquilo era quase que um abraço, mesmo sem poder encostar, mas era aquele abraço de falar – ‘cara, você não está sozinho aqui, a gente não pode ajudar vocês diretamente, mas a gente também está lutando sabe.’”

Entrevistado 5: “Então, nós tocamos com o quarteto no Pequeno Príncipe, no Hospital do Trabalhador, no Hospital Erasto Gaertner, e isso é sempre fantástico, a gente estar tocando nos corredores e as pessoas, os parentes e os próprios doentes saindo das enfermarias, dos quartos e vindo até nós ouvir a música. E aquele momento é fantástico para eles né, e isso é interessante.”

Entrevistado 6: “Agora, uma situação que impacta demais é quando a gente toca nos asilos, aonde a música nos leva a esse além. A gente falou sobre polícia comunitária, aonde a polícia se relaciona com a sociedade, aí vem a música e faz com que a BM se relacione com a comunidade, mas tocar em um asilo vai a uma dimensão que não tem como explicar, a não ser se você viver aquilo. As pessoas ali dentro estão fadadas a um restante de vida fechadas naquele ambiente. As famílias que mandam os seus entes para um asilo são aquelas pessoas que sabem que o resto da vida daquela pessoa vai ser naquele local, lá seria uma ‘prisão mais aliviada’, digamos assim.”

Cabe lembrar que as informações foram estudadas a partir do ponto de vista dos profissionais músicos da BM, sendo que, a análise sobre assuntos que se referem à opinião ou à visão da sociedade em relação à BM ou à PMPR, ocorre a partir do ponto de vista dos policiais pertencentes à BM em suas percepções durante a execução dos serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este estudo cumpriu o objetivo de trazer reflexões referentes à visão do policial militar músico no que se refere à importância do trabalho por ele prestado à sociedade paranaense durante essa crise de saúde, mostrando também suas dificuldades, cuidados, dinâmicas de trabalho, medo de infecção e capacidade de adaptação em um cenário pouco provável e extremamente dificultoso em relação ao desenvolvimento de trabalhos referentes à execução musical em grupo.

O texto etnográfico contém trechos de anotações feitas no diário de campo e, ao relê-las, pude lembrar não apenas de situações por mim vividas no momento da execução do trabalho, mas também de sentimentos experimentados naqueles momentos e até das sensações, como por exemplo, do carinho com que eram feitos os alimentos por quem nos recepcionava nas cidades onde eram executados os trabalhos. Creio que o texto etnográfico apresentou ao leitor um breve panorama da dinâmica de trabalho do músico da BM durante a execução desse projeto que ainda continua ativo até a presente data¹⁵, e o ajudou a entender um pouco melhor como é parte da rotina profissional dos músicos pertencentes à BM.

As entrevistas que foram realizadas, seguindo todos os protocolos de cuidados e distanciamento social vigentes em nossa sociedade, nos trouxeram a possibilidade de analisar e refletir sobre questões pertinentes da BM, em relação ao trabalho executado pelos músicos para a sociedade e para a PMPR.

Com a análise dos dados obtidos em campo e nas entrevistas foi possível verificar alguns fatos, entre eles: o medo de infecção da Covid-19 afeta diretamente as performances da maioria dos músicos, porém, o sentimento coletivo da importância e da necessidade da realização das apresentações os leva a superar essa dificuldade. Além disso, o trabalho executado pela BM durante a pandemia de Covid-19 influencia de forma positiva o relacionamento que a sociedade civil tem com a PMPR e com a BM. Em geral o trabalho dos policiais militares músicos afeta positivamente e resulta em um ganho para a imagem da instituição PMPR. Os entrevistados relatam a visível emoção que os cidadãos sentem ao ver e

¹⁵ Pesquisa realizada até o dia 03 de novembro de 2021.

ouvir as apresentações musicais, dizem ser uma mensagem de esperança ao povo paranaense em um período tão difícil em que atravessa a sociedade, como por exemplo, quando a BM tocou para uma pessoa que sofre de retardo mental e os músicos puderam ver a gratidão no rosto dos seus familiares e da população próxima do local (conforme apresentado no depoimento do entrevistado 6).

Foi verificado ainda que as apresentações da BM durante a pandemia de Covid-19 fortalecem de forma muito significativa a implementação do policiamento comunitário, aproximando o policial militar dos cidadãos e contribuindo na quebra da barreira e do receio que muitos deles ainda têm em relação ao agente de segurança pública.

Alguns temas muito relevantes em relação ao trabalho da BM não puderam ser explorados nesse trabalho, pois estenderiam ainda mais a presente pesquisa, como por exemplo, uma pesquisa mais aprofundada sobre a história da BM em seus mais de 160 anos de atuação dentro e fora das fronteiras do estado do Paraná, ou mesmo um estudo sobre o repertório utilizado pelos músicos durante as caminhadas musicais e apresentações em hospitais e a sua relação com o delicado momento vivido pela sociedade durante a pandemia de Covid-19, dentre muitos outros.

O trabalho da BM voltará ao normal tão logo a sociedade possa conviver novamente de forma presencial, mas acredito que as lembranças, experiências e amadurecimentos que esse momento difícil trouxe, servirão de aprendizado para todos nós e, se tivermos desenvolvido um pouco de empatia entre nós através dessas experiências, o “novo normal” contará com seres humanos um pouco melhores do que os de antes desse período difícil que atravessa nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S.; CARDIA, N.; PINHEIRO, P. S. **Manual de policiamento comunitário: polícia e comunidade na construção da segurança**. 1. ed. São Paulo: NEV/USP. 2009. Disponível em: <<http://pm.se.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Clique-aqui-para-entender-melhor-sobre-Pol%C3%ADcia-Comunit%C3%A1ria.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2021.

ALVES, R. Tudo sobre o coronavírus - covid-19: da origem à chegada ao Brasil. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 27 fev. 2020. Nacional. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2021.

AROUCA, S. **Agência de Saúde norte-americana alerta para facilidade de transmissão do novo coronavírus entre pessoas**. Disponível em: <<http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/49187>> Acesso em 23 set. 2021.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ. **Menção honrosa à Banda da Polícia Militar do Paraná**. Curitiba, PR, 08 ago. 2020.

BANDA DE MÚSICA DA PMPR. Página oficial. **Facebook**. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/bandapmpr/>>. Acesso em: 23 set. 2021.

BARRETO, C. **Ministério da Saúde confirma primeira morte por coronavírus no Brasil**. Disponível em: < <https://pebmed.com.br/ministerio-da-saude-confirma-primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil/>> Acesso em 30 out. 2021.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**. Florianópolis, v.2, n.1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Tipos de pesquisa. In_____. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Ufrgs Editora, 2009. p. 31-42. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2020. GIL, A. C. Observação participante. In_____. **Métodos e técnicas para pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 103-109.

HOLTON, K. Imunização no Reino Unido: Mulher de 90 anos é 1ª vacinada contra Covid-19. **Cnn Brasil**. São Paulo. 08 dez. 2020. internacional. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/britanica-de-90-anos-e-primeira-a-receber-a-vacina-da-pfizer-fora-dos-testes/>>. Acesso em 23 set. 2021.

JORNAL DE BELTRÃO. Banda da Polícia Militar do Paraná em Francisco Beltrão para duas apresentações. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão, 18 jul. 2020. Destaque. Disponível em: <<https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/298838/banda-da-policia-militar-do-parana-em-francisco-beltrao-para-duas-apresentacoes>> Acesso em: 24 set. 2021.

NETO, P. M. Policiamento comunitário e prevenção do crime: a visão dos coronéis da Polícia Militar. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.18, n.1, jan./mar. 2004. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100013>. Acesso em: 22 set. 2021.

PARANÁ. Lei nº 16206, de 10 de agosto de 2009. Declara patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado do Paraná, a Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná. **Diário oficial do estado**. Curitiba, PR, n. 8040, 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://portal.alep.pr.gov.br/index.php/pesquisalegislativa/legislacaoestadual?idLegislacao=28642&tpLei=1&idProposicao=16948>> . Acesso em 03 nov. 2021

PARANÁ. Lei nº 16575, de 28 de setembro de 2010. Lei de Organização Básica da PMPR. **Diário oficial do estado**. Curitiba, PR, n.8314, 29 set. 2010. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/exibirAto.do?action=iniciarProcesso&codAto=56275&codItemAto=436748>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

PEIRANO, M. G. S. When anthropology is at home: the different contexts of a single discipline. **Annual Review of Anthropology**, v.27, p. 105-128, 1998. Disponível em: <http://www.marizapeirano.com.br/artigos/when_anthropology_is_at_home.pdf> Acesso em: 23 set. 2021

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. Site oficial. **Banda da Polícia Militar do Paraná**. Disponível em: <<https://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Banda-da-Policia-Militar-do-Parana>> Acesso em: 23 set. 2021.

PRASS, L. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba**: uma etnografia entre os “Bambas da Orgia”. 210 f. Dissertação (Mestrado em música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DO PARANÁ (SESA/PR). **Saúde.PR informa**. Prevenção da propagação da Covid-19 em residências e comunidades residenciais. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-06/no_16_prevencao_da_propagacao_da_covid_19_v2.pdf> Acesso em: 20 jun. 2021

SEEGER, A. **Etnografia da música**. Tradução de: CIRINO, G. São Paulo: Caderno de Campo, 2008. Ethnomusicology an introduction. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Seeger-Etnografia_musica.pdf> Acesso em: 23 set. 2021.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). **Estudos de psicologia**, Campinas, v.37, mai. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501>. Acesso em: 27 set. 2021.

UNA-SUS. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus.** Disponível em: <